

## Nomes formadores da toponímia na região do Caeté: entre o lugar das pedras e a abundância de espécies

Jéssica Moraes Gomes<sup>1</sup>

Raimunda Benedita Cristina Caldas<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo discute sobre a referência do lugar enquanto universo cultural e espaço físico, no qual habitam os elementos que convivem com o homem e que dão origem à nomeação feita por ele. Nessa percepção interpenetram-se o litotopônimo 'itá', nome de origem Tupí, o sufixo *-tenu* ~ *-dena*, nomes de espécies vegetais e animais que nas línguas faladas pelas populações responsáveis pelo nomear, fazem parte da taxionomia de natureza física. O aporte teórico deste trabalho compreende estudos toponímicos, cujo embasamento linguístico acerca de nomes de lugares formados na região do Caeté redimensiona aspectos naturais dessa região.

**PALAVRAS-CHAVE:** topônimos, litotopônimos, região do Caeté.

### Introdução

Ao dar nome a um lugar, o homem imprime seu conhecimento sobre o universo e o descreve a partir do que mais se relaciona à sua experiência com esse lugar. Assim, as motivações toponímicas assentam-se em fundamentos de cunho histórico e identitário acerca de determinada região. Portanto, os aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos, antropológicos e linguísticos nos orientam para a reconstrução de aspectos ligados à língua, aos rituais e aos costumes desse lugar, conforme assegura Dick

(...) a história dos nomes dos lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos culturais ou antro-po-culturais. (Dick, 1990:19)

A configuração do espaço informa ao habitante que aspectos de determinado lugar é propício à vida e permanência desse morador. Nesse sentido, quando a paisagem natural aponta a presença de certas espécies, é comum que esse lugar seja caracterizado por esse aspecto.

Com o propósito de discutir a paisagem local, bem como as motivações toponímicas envolvidas nas nomeações estudadas, foram selecionados alguns nomes de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Campus de Bragança. Bolsista do PIBIC-PARD. [jessicamoraes11@hotmail.com](mailto:jessicamoraes11@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UnB). Mestre em Linguística (UFPA). Professora Adjunta da UFPA - Campus Bragança. [criscaldas@ufpa.br](mailto:criscaldas@ufpa.br)

lugares da região do Caeté e de adjacências, a fim de apresentar uma mostra que represente o panorama natural da fauna, flora e elementos de formação do relevo e da constituição de elementos da natureza, alguns deles advindos do Tupí, outros entremeados à denominação portuguesa.

### **A paisagem e o homem na motivação toponímica**

No estudo sobre a motivação toponímica dois aspectos mencionados por Sousa (2007) chamam atenção: a intenção de denominar por meio de fatores subjetivos e objetivos e a etimologia da palavra, ligada ao fator semântico da nomeação, transposto pela transparência ou opacidade de sua origem.

Com o intuito de fornecer, com maior precisão, aspectos relacionados à toponímia, Dick (1990) indica duas taxionomias distintas: a de natureza física e a de natureza antropológica e cultural.

As taxionomias de natureza física abrangem: Astrotopônimos: referente à corpos celestes; Cardinotopônimos: referente à posições geográficas; Cromotopônimos: referente à escala cromática; Dimensiotopônimos: referente à dimensão de acidentes geográficos; Fitotopônimos: referente aos vegetais; Geomorfotopônimos: referente às formas topográficas; Hidrotopônimos: resultantes de acidentes hidrográficos; Litotopônimos: referentes aos minerais e/ou constituição do solo; Meteorotopônimo: referente aos fenômenos atmosféricos; Morfotopônimos: referente às formas geométricas e Zootopônimos: Relativos a animal (doméstico ou selvagem).

As taxionomias de Natureza Antropo-Cultural recobrem: Animotopônimos: referentes à vida psíquica e espiritual não pertencentes à cultura física; Antropotopônimos: referentes aos nomes próprios individuais; Axiotopônimos: referente a títulos e dignidades, acompanham nomes próprios individuais; Corotopônimos: referente a nomes de municípios, estados, países ou continentes; Cronotopônimos: indicadores cronológicos; Dirrematopônimos: constituídos por frases e enunciados como: Valha-me Deus (MA); Ecotopônimos: relativos às habitações; Ergotopônimos: refere-se a elementos da cultura material; Etnotopônimos: refere-se a elementos étnicos; Hierotopônimos: relativo a nomes de crenças diversas, subdivide-se em hagiotopônimos (nomes de santos) e mitotopônimos (entidades mitológicas); Historiotopônimos: refere-se a movimentos de cunho histórico-social; Hodotopônimos: referente a vias de comunicação rural ou urbana; Numerotopônimos: relativos aos numerais; Poliotopônimos: consituem pelos vocábulos vila, aldeia, povoação, arraial, mais outro designativo; Sociotopônimos: relativos às

atividades profissionais e pontos de encontro da comunidade e Somatopônimos: metaforicamente remetem às partes do corpo humano ou animal.

Consideradas as taxionomias, o destaque aos topônimos de natureza física refletem a diversidade e abrangência presentes na toponímia do Caeté. Tais topônimos costumam ser relacionados a fatos descritos da realidade geográfica e, portanto, traduzem um caráter preciso e utilitário do lugar. Essa caracterização confirma-se nos estudos de Leonardí (1999). Para esse autor, a toponímia nos lugares na Amazônia “[...] quase sempre possuem uma relação muito íntima com a fauna da área, ou com alguma característica da água (coloridade, porosidade da água) e do solo” (LEONARDI, 1999, p.74), fato que favorece a elaboração de mapa etnoambiental das bacias hidrográficas da Amazônia. Cabe acrescentar que, ainda segundo o autor, boa parte dos nomes de rios, igarapés e lugares vêm do Nheengatu.

Desse modo, para desenvolver a temática dos nomes de lugares e espécies da região do Caeté e adjacências, foram selecionados neste trabalho os topônimos de natureza física, cujo enfoque pudesse situar o universo da paisagem natural da referida região.

### **A toponímia da região do Caeté e adjacências**

Em vários lugares as palavras de origem Tupí compõem nomes, em um cenário descritivo da região da Amazônia Oriental, cuja classificação da taxionomia física local pode ser elencada, quer na morfologia do relevo com as pedras, quer na composição da fauna e da flora.

A respeito da influência de nomes Tupí na formação da toponímia aqui tratada, convém destacar o esclarecimento apontado por Nascimento (2011)

A língua indígena tradicionalmente mais notória dos brasileiros é a língua tupi, também chamada tupinambá, que se tornou bastante conhecida após a chegada dos portugueses a terras brasileiras e predominou nos séculos XVI e XVII nos contatos entre lusitanos e índios. Os nomes *tupí* e *tupinambá*, segundo Rodrigues (2010: 29), têm sido empregados para distinguir duas variedades de línguas próximas, pertencentes à família linguística tupi-guarani. No entanto o termo *tupí* foi mais associado aos índios habitantes do sudeste e sul do Brasil, com os quais os portugueses estabeleceram relações amigáveis, resultando, inclusive, no estudo da mesma, pelo padre jesuíta José de Anchieta<sup>3</sup>. Já o termo *tupinambá* foi utilizado para denominar os indígenas habitantes da Bahia, do Maranhão,

<sup>3</sup> O Padre Jose de Anchieta, jesuíta, foi um dos primeiros missionários a virem para o Brasil. Nasceu em São Cristovão da Laguna, na Ilha de Tenerife, em 1533, e morreu em Iiritiba, no Espírito Santo, em 1597. O padre Jesuíta destacou-se por ser um dos primeiros a conviver e dominar a língua dos nativos, com intuito de catequizá-los, sendo o autor da primeira gramática tupi-guarani, utilizada até hoje por pesquisadores.

Pará e parte da costa do Rio de Janeiro. (Trabalho de Conclusão de Curso-Bragança-2011)

Na toponímia da região do Caeté configuram elementos do contato linguístico entre os povos tupi e o português. Assim, topônimos interseccionam o léxico dessas línguas mencionadas e reforçam o que assegura Rodrigues (2010: 38): “constituíram-se, portanto, duas línguas gerais: a língua geral paulista (doravante LGP), oriunda do tupi de Piratininga, e a língua geral amazônica (doravante LGA), desenvolvida a partir do tupinambá do Pará”.

Na formação dos nomes da Região do Caeté há informações sobre a formação do relevo e da abundância de água em movimento nas pedras, bem como das espécies que formam a paisagem local, conforme constam em vários nomes de lugares: *curu* ‘sapo’, *itá* ‘pedra’.

| Lugares com <i>itá</i> | Localidade-UF | Formação do nome                                     |
|------------------------|---------------|--|
| Itabocal <sup>4</sup>  | Viseu-PA      | ita (pedra) + boc (rachar) + al (suf. coletivizador) |
| Itacupim               | Viseu-PA      | ita (pedra) + cupim (inseto)                         |
| Itapixuna              | Viseu-PA      | ita (pedra) + pixuna (preta)                         |
| Itacupé                | Bragança-PA   | ita (pedra) + cupé (dorso)                           |
| Itapinima              | Viseu-PA      | ita (pedra) + pinima (pintada)                       |

Para apontar a exuberância de espécies do lugar derivam com *-teua* ~ *-dena*, sufixo usado para indicar a caracterização física desse lugar, conforme podemos observar pela mostra:

| Lugares com <i>itá</i> | Localidade-UF | Formação do nome  |
|------------------------|---------------|---|
| Itapuriteua            | Viseu-PA      | ita (pedra) + pur (pular, ferver) + teua (suf. abundância) = lugar de muita cachoeira |
| Taquandeua             | Bragança-PA   | taquan (pedra amarela)  |

A referência às espécies de anuro (sapo) também compõem o cenário da região, formando nessa nomeação a indicação de que no tempo de chuvas a referida espécie animal também faz seu movimento de migração e de apresentação.

| Lugares com <i>curu</i> | Localidade-UF | Formação do nome      |
|-------------------------|---------------|-----------------------|
| Curupaiti               | Viseu-PA      | curu (sapo) + paiti ( |

<sup>4</sup> Fonte de dicionário Tupi: itaboboca [pedra de moinho(tupi do séc. XVIII)](Caldas Tibiriçá).

|            |                    |                                    |
|------------|--------------------|------------------------------------|
| Cururupu   | Cururupu-MA        | cururu (sapo) + pur (pular)        |
| Cururutuia | Tijoca-Bragança-PA | cururu (sapo) + tuia (transbordar) |

As espécies vegetais compõem a variedade da flora da região, presentes em:

| Lugar        | Município          | Espécie  |
|--------------|--------------------|--|
| Andiroba     | Tijoca-PA          | árvore de até 30 m ( <i>Carapa guianensis</i> ), da fam. das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (AMAZ a BA). (Houaiss, 2010)  |
| Bacuri       | Tijoca-PA          | grande árvore ( <i>Platonia esculenta</i> ), da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada. (Houaiss, 2010)   |
| Bacuri prata | Bragança-PA        | Variedade da espécie <i>Platonia esculenta</i> .   |
| Jarana       | Tijoca-PA          | árvore pequena ( <i>Lecythis jarana</i> ) da fam. das lecitidáceas, nativa do Brasil (PA), de madeira vermelho-clara ou róseo-amarelada, dura e resistente, folhas lanceoladas, pequenas flores sésseis, em racemos terminais, e frutos indeiscentes. (Houaiss, 2010)  |
| Muruci       | Tijoca-Bragança-PA | ( <i>Lecythis lurida</i> ) (design. comum a plantas da fam. das malpighiáceas, esp. algumas árvores e arbustos do gên. <i>Byrsonima</i> , de frutos comestíveis; muricizeiro. (Houaiss, 2010)  |
| Tauari       | Tijoca-Bragança-PA | árvore de até 50 m ( <i>Cariniana micrantha</i> ), nativa do Brasil (PA), de tronco cilíndrico com casca escura, folhas coriáceas, ligeiramente serreadas, flores brancas, em panículas terminais, e pixídios contendo sementes aladas. (Houaiss, 2010)  |
| Timborana    | Tijoca-Bragança-PA | timbó: design. comum a várias plantas das fam. das leguminosas e das sapindáceas, ger. com casca e/ou raízes us. para tinguujar <sup>5</sup> . (Houaiss, 2010)<br>design. comum a plantas de diferentes gên. da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea<br>1.1 arbusto ou árvore pequena ( <i>Lonchocarpus discolor</i> ) que ocorre no Brasil, de flores amarelas, róseas, ou vermelho-escuras e vagens pubérulas<br>1.2 liana ( <i>Lonchocarpus negrensis</i> ) nativa das Guianas e da Amazônia, de flores róseas e |

<sup>5</sup> tupi *ti'ngui'* planta leguminosa, cuja seiva tóxica é us. para envenenar peixes<sup>5</sup>; f.hist. 1663 *tinguy*.

- vagens oblongas
- 1.3 árvore (*Machaerium macrophyllum*) nativa da Amazônia, com madeira us. em carpintaria e flores em panículas
- 1.4 m.q. **timbó-pau** (*Clathrotropis macrocarpa*)
- 1.5 Regionalismo: Pará.  
m.q. **timbó-da-mata** (*Derris guianensis*)
- 1.6 Regionalismo: Pará.  
m.q. **timbó-catinga** (*Lonchocarpus floribun*)  
timbó (planta) + rana (pospositivo, do tupi 'rana' 'semelhante, parecido a, da feição de', a um tempo us. como adj.; de início, seu emprego se fez agregado a pal. tupis, doc. desde o sXVI, alargando-se para pal. de quaisquer origem. (Houaiss, 2010)

A abundância de espécies vegetais aparece em nomes:

| Lugar      | Localidade-UF      | Espécie   |
|------------|--------------------|---|
| Açaiteua   | Açaiteua-PA        | <b>Açaí:</b> palmeira cespitosa de até 25 m ( <i>Enterpe oleracea</i> ), nativa da Venezuela, Colômbia, Equador, Guianas e Brasil (AP, AM, PA, MA). (Houaiss, 2010)   |
| Ajuruteua  | Bragança-PA        | <b>Ajuru:</b> design. comum a várias plantas da fam. das crisobalanáceas.   |
| Bacuriteua | Bragança-PA        | Bacuri: ( <i>Platonia esculenta</i> ), da fam. das gutíferas.   |
| Cubiteua   | Ourém-PA           | <b>Cubiu:</b> Origem: Amazônia<br><i>Nomes populares:</i> Topiro, tupiro, tomate-de-índio   |
| Caratateua | Bragança-PA        | <b>Cará:</b> design. comum a várias trepadeiras do gên. <i>Dioscorea</i> , da fam. das dioscoreáceas, a maioria com folhas cordiformes, ovadas e acuminadas, e frutos capsulares, inúmeras nativas do Brasil, algumas exóticas, e cultivadas pelos tubérculos comestíveis. (Houaiss, 2010)<br>Cara + ita = pedra que se assemelha ao cará roxo <sup>6</sup> |
| Manindeua  | Tracuateua-PA      | <b>mani:</b> tupi <i>mandi'iva</i> 'maniva, planta, talo ou folha da mandioca', às vezes red. ao tupi <i>ma'ndi</i> ; Stradelli (VocPN) registra o voc. nheengatu <i>maniyua</i> 'pé de mandioca' (de <i>mani</i> 'fécula, tipo de resina' + <i>yua</i> 'planta, pé'); cp. port. <i>mandioca</i> e – <i>iba</i> (Houaiss, 2010)                             |
| Miriteua   | Tijoca-Bragança-PA | <b>miri:</b> árvore grande ( <i>Sideroxylon nigrum</i> ), da fam. das sapotáceas, nativa das Américas, com casca amarga, adstringente e febrífuga, madeira dura, folhas ovadoblôngas.   |

<sup>6</sup> Ver Palheta (Nota lexicológica sobre Caratateua).

|           |                    |   |
|-----------|--------------------|---|
|           |                    | (Houaiss, 2010)   |
| Aciteua   | Treme-Bragança-PA  | <b>assai</b> – [Am. esp. de palmeira da sub-família das ceroxilíneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada (Geraldo da cunha)] (p. 68)   |
| Araçateua | Tijoca-Bragança-PA | araçá: design. comum a vários arbustos e árvores dos gêns. <i>Psidium</i> e <i>Campomanesia</i> e a alguns do gên. <i>Myrcia</i> , da fam. das mirtáceas, com o tronco malhado e frutos bacáceos, semelhantes aos da goiabeira ( <i>Psidium guajava</i> ) e ger. comestíveis. (Houaiss, 2010) |

Quanto às espécies animais, também além da variedade observada, há em alguns nomes a composição com palavras de origem Tupí, as quais indicam lugar de, como:

| Lugar         | Localidade-UF      | Espécie e formação do nome   |
|---------------|--------------------|--|
| Arapiranga    | Bragança-PA        | ara (arara) + piranga (vermelho)   |
| Araraquara    | Bragança-Campos-PA | arara (arara) + quara (toca, buraco)   |
| Jandiá        | Bragança-PA        | m.q. <b>bagre</b> ('design. comum a vários peixes'). (Houaiss, 2010)   |
| Jararaca      | Tijoca-Bragança-PA | design. comum a diversas serpentes sul-americanas do gên. <i>Bothrops</i> , da fam. dos viperídeos, extremamente venenosas, com cabeça triangular, em forma de lança, e cauda afilada, sem guizo ou escamas eriçadas. erva ( <i>Dracontium asperum</i> ) da fam. das aráceas, de folhas com limbo muito segmentado e pecíolo com manchas largas e longas, esverdeadas, pardacentas e arroxeadas, espatas coriáceas e flores hermafroditas, nativa da Amazônia e us. por várias propriedades medicinais, esp. contra picadas de cobras; erva-de-jararaca, erva-jararaca, jararaca-taiá, jarro-manchado, milho-de-cobra, taiá-jararaca, tajá-de-cobra. (Houaiss, 2010) |
| Mucura Branca | Tijoca-Bragança-PA | masto zoologia. Regionalismo: Amazônia. m.q. <b>gambá</b> ('designação comum')   |
| Urubuquara    | Bragança-PA        | angiospermas. m.q. <b>tipi</b> ( <i>Petiveria alliacea</i> ) urubu (design. comum às diversas aves ciconiiformes, gên. <i>Coragyps</i> e <i>Cathartes</i> , da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação. (Houaiss, 2010) + quara (toca, buraco).   |

A abundância de espécies animais aparece em nomes:

| Lugar      | Localidade-UF             | Espécie e formação do nome  |
|------------|---------------------------|---|
| Jacareteua | Bragança-PA               | design. comum aos répteis crocodilianos da fam. dos aligatorídeos, de focinho largo e chato, encontrados esp. nos rios e pântanos das Américas do Norte e do Sul <sup>7</sup> . (Houaiss, 2010)   |
| Jandiateua | Santa Maria do<br>Pará-PA | jandia (peixe) + teua<br>m.q. <b>bagre</b> ('design. comum a vários peixes'). (Houaiss, 2010)   |
| Taciateua  | PA                        | taci: formiga + teua<br>no DHPT, tupi <i>ta'xi</i> 'nome genérico de plantas da fam. das leguminosas, gencianáceas e outras'; acp. de ent talvez por cruzamento com <i>taci</i> (< tupi <i>ita'siwa</i> ou <i>ta'siwa</i> 'formiga') ou p.meton., porque as formigas se alojam na planta; para Nascentes, o tupi <i>ta'xi</i> 'cavado' (prov. red. do tupi <i>taxi'iva</i> 'árvore de taxi') designaria uma variedade de formiga que cava a madeira de árvores, nelas morando, alojadas nos pedúnculos das folhas, daí, <i>p.ext.</i> , passa a designar a árvore ou planta em que essas formigas costumam alojar-se. (Houaiss, 2010) |
| Tamatateua | Bragança-PA               | tamata (peixe) + teua<br>m.q. <b>tambuatá</b> ( <i>Callichthys callichthys</i> ). (Houaiss, 2010)   |
| Tracuateua | Tracuateua-PA             | tracuá (formiga) + teua<br>formiga ( <i>Camponotus femoratus</i> ) da Amazônia, que vive em cupinzeiros arborícolas abandonados e forma colônias numerosas [É agressiva e solta cheiro forte quando esmagada.] (Houaiss, 2010)  |

Dos quadros relacionados, é importante salientar um ponto já apontado por Nascimento (2011) no que diz respeito à identificação dos nomes como pertencente à espécies do reino animal ou vegetal, conforme se observa

Um fenômeno muito interessante encontrado por meio desse estudo diz respeito ao uso, no Tupí, do mesmo nome para designar vegetais e animais. É o que mostram os exemplos a seguir encontrados em Caldas Tibiriçá (1984): a) cururu [sapo negro, cujo leite produz oftalmia e cegueira] (92); [planta sapidácea de suco venenoso] (92); b) jararaca [designação comum de várias serpentes venenosas] (p.116); [árvore brasileira cuja madeira é empregada em construções] (p.116); mycura

<sup>7</sup> tupi *yaka're* 'nome comum a vários répteis crocodilianos'; a denominação indígena é de valor totêmico; segundo Teodoro Sampaio, o voc. tupi significa lit. 'aquele que é torto ou sinuoso'; Nascentes registra que "certo conglomerado tem este nome porque seu aspecto, nos rios, lembra a cabeça de um jacaré".



[mamífero marsupial da fam. dos didelfídeos](p.141); [certa planta gramínea] (p.143).

A pesquisa com os nomes lugares do Caeté procurou desvendar a motivação do topônimo. No entanto, nem sempre é consenso entre os moradores do lugar a origem da espécie animal ou vegetal.

Outro aspecto interesse da toponímia da região é a formação de nomes com base de palavras em Tupí, em processos de composição por meio da derivação com sufixos do português ou com referência a nomes do português, como em:

| Lugar             | Localidade-UF      | Espécie e formação do nome   |
|-------------------|--------------------|--|
| Acarajozinho      | Bragança-PA        | acará (peixe) + jo (retirar) + zinho (sufixo diminutivo do português).   |
| Alto Emboraízinho | Tijoca-Bragança-PA | <b>embó</b> [V.ambuia (planta trepadeira medicinal)] (p. 96) <b>í</b> – [sufixo diminutivo, m. q. i] (p.108)   |
| Buritizal         | Bragança-PA        | <b>buriti</b> ~ <sup>8</sup> miriti: design. comum a plantas dos gên. <i>Mauritia</i> , <i>Mauritiella</i> , <i>Trithrinax</i> e <i>Astrocaryum</i> , da fam. das palmas, de folhas ger. penatífidas e flabeliformes, coletadas para coberturas de casas rústicas e esp. para extração de fibras, us. em inúmeras obras trançadas; buritizeiro, muritizeiro, murutizeiro. (Houaiss, 2010) + -zal (sufixo coletivizador do português) |
| Anoirá dos Gama   | Almoço-Bragança-PA | anoirá: árvore ( <i>Licania macrophilia</i> )  |
| Taperaçu Campo    | Bragança-PA        | tapera (habitação abandonada) + açu (grande)   |

Topônimos também certificam a presença de grupos humanos na região, como o exemplo do topônimo Anoirá dos Gama.

### A identidade cultural na toponímia física

Os nomes de lugares são indicadores das relações de permanência, contato com outros povos e, acima de tudo, a apresentação do espaço físico da região do Caeté e adjacências. Nesse panorama confirma-se a identidade cultural do povo, assegurada pelo reconhecimento dos moradores do lugar.

<sup>8</sup> O símbolo ~ indica variação.

Percebe-se que mesmo a cada transformação ocorrida, principalmente em relação ao desaparecimento de espécies, o nome do lugar mantém-se, o que favorece a identidade desse lugar pela memória e referência atribuída pela população local. Nesse sentido, confirmam-se as informações acerca das espécies ou mesmo da formação do relevo, bem como dos movimentos que fazem parte do cenário natural, como o movimento das águas sobre as rochas, a morfologia das rochas, além do movimento das espécies animais.

Portanto, a toponímia relativa à identificação do mundo natural reflete o conhecimento acerca desse mundo, conforme afirma Dick (1987)

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode sectionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores”. (DICK, M.V. p.13)

## **Conclusão**

A investigação na área da toponímia na região do Caeté tem acompanhado uma inquietação de pesquisadores e da própria comunidade em relação ao conhecimento sobre essa região. As indicações relacionadas aos lugares, por vezes, se perde na própria dinâmica de mudanças e de constantes contatos, especialmente no Caeté. Assim, foram relacionadas às localidades mais referenciadas no tocante à história da região e, a partir dela, foi possível traçar um perfil sobre a paisagem física e, por meio dela, o reconhecimento do lugar pelos aspectos mais peculiares concernentes. A paisagem confunde-se na toponímia, refletindo o reconhecimento, a identidade do lugar

Como um verdadeiro fóssil linguístico, expressão tomada ao geógrafo francês Jean Brunhes, que o considerava um “fóssil da geografia humana”.

Realmente, alguns estudiosos da toponímia procuram, assim, defini-lo em razão da importância de que se reveste como fonte de conhecimento, não da língua falada da região em exame, apenas, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário (DICK, M.V. de Paula do Amaral, p.25).

O estudo sobre toponímia reflete apenas uma mostra do universo de nomes e de referências relacionadas ao lugar e aos habitantes da região do Caeté e adjacências. A discussão fomenta o desvendar da história do lugar e do povo por meio do reconhecimento da paisagem, embora alguns topônimos ainda não sejam reconhecidos pelas gerações mais novas, as quais desconhecem a formação do nome do lugar.

## Referências

- CUNHA, A. G. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. “A documentação em Toponímia”. XXXIV *Seminário do GEL*. Franca, 1991.
- \_\_\_\_\_. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- \_\_\_\_\_. Motivações toponímicas. 1987.
- \_\_\_\_\_. “Aspectos históricos de Microtoponímia no Brasil”. In: *Separata da Revista de História*, nº 16. São Paulo, 1984.
- \_\_\_\_\_. Toponímia e Antroponímia no Brasil - coletânea de estudos. 3ª ed. São Paulo : FFLCH/USP, 1992.
- DICK, Mª V. Paula do Amaral. Aspectos da Etnolinguística: a Toponímia carioca e paulistana. Contrastes e Confrontos. Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia.
- \_\_\_\_\_. Estudos de Texto – tradução. Cadernos do CNLF, serie IV, nº 10, disponível em: [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais/cong\\_vcnlf.html](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais/cong_vcnlf.html)
- LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.
- NASCIMENTO, Raylene. Trabalho de Conclusão de Curso. Campus de Bragança, UFPA, 2011.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, maio, 2011.
- SOUZA, A. M. Geografia e Linguística. Intersecções no estudo toponímico. *Revista Geográfica*, nº 03, 2007, pp. 115-128.

**ABSTRACT:** This paper approaches the place as a cultural universe and physical space shared by the man and the elements he is surrounded by and which originate the names he appoints. With this perception, the ‘itá’ litotoponym – a name deriving from the Tupi language -, the suffixes teua ~ -deua, names of vegetal and animal species mingle and are part of the physical nature taxonomy within the languages spoken by the populations responsible for assigning names. The theoretical support of this work embraces the toponymic studies whose linguistic foundations about names and places constituted within the Caeté region resizes natural aspects of this region.

**KEYWORDS:** *topónimos, litotopónimos, region Caeté*